

---

## PARES POR IMPs – OPÇÕES DE CÁLCULO DE RESULTADOS

### ( UMA REFLEXÃO )

---

A recente disputa do Campeonato Regional de Pares Por IMPs veio despertar algumas questões relacionadas, quer com o programa utilizado pelo DT e recomendado pela Federação Portuguesa de Bridge, quer com o formato utilizado e fórmula da cálculo de resultados, com a consequente classificação dos pares participantes. Nenhuma destas questões é de menor importância e merece uma reflexão ponderada e séria.

É o que se pretende com este documento, tendo em conta a forma como o Campeonato decorreu.

Assim sendo, serão aqui debatidos, de forma absolutamente livre e sem quaisquer preocupações de estilo, mas procurando o rigor técnico imprescindível, os seguintes aspectos:

**Enquadramento, Programas de Cálculo, Formato e Fórmula de Cálculo dos Resultados, Referências e Conclusão.**

**Enquadramento.** O Campeonato Regional de Pares Por IMPs é uma prova que apura os pares para o Campeonato Nacional de Pares Por IMPs. Neste sentido, qualquer das provas é disputada em IMPs cruzados, sem conversão em PVs no caso do Regional, com conversão em PVs no caso do Nacional. Aqui acontece a primeira diferença entre as duas provas e tem a ver, não exclusivamente, com o facto de a primeira se disputar em Suíço ( tendo em conta o número de pares concorrentes face ao tempo disponível ) e a segunda se disputar em Round-Robin ( número fixo de 16 Pares ) e que constitui a segunda diferença. Nada disto é incompatível, já que a conversão em PVs é, segundo alguns, uma questão secundária, embora merecendo, como todas as questões em aberto, uma atenção e destaque. A questão de ser ou não em Suíço também não é muito importante, já que é um formato que pode ser alterado, caso o número de pares justifique e aconselhe o Round-Robin. Esta possibilidade pode e deve ser acautelada em futuros Regulamentos da Prova.

**Programas de Cálculo.** O Magic Contest é o programa de cálculo de resultados que a FPB recomenda para utilização por parte dos DTs nomeados para as provas oficiais. Se nas provas de pares em Round-Robin, apenas apresenta como menor eficácia o facto de não permitir o cálculo automático dos resultados convertidos em PVs, já na utilização em Pares Suíço, não permite a criação de diferentes sessões, o que diminui fortemente as suas potencialidades e impõe arranjos técnicos de alguma complexidade e morosidade .

Existe, no entanto, outro programa já utilizado em provas nacionais e que tendo sido de instalação livre até Setembro de 2015, é pertença, a partir de 1 de Outubro de 2015 da EBU ( English Bridge Union ) que o distribui pelos seus Clubes filiados.

Esse programa (1), que, na verdade, são cinco, permite organizar um torneio de Pares em Suíço com o número de sessões que se pretender e os jogos a iniciar-se em cada sessão no número que o DT pretenda, sem perder a informação relativa às mãos jogadas em qualquer das sessões. Permite, além disso, obter a classificação em IMPs cruzados ( XIMPs ), em IMPs cruzados / comparações, em Butler IMPs e em IMPs cruzados/SQR( $rc/2$ ) que é a fórmula correcta de simular um Torneio de Pares por IMPs como se fosse um Torneio de Equipas. Tem, como limitação, a impossibilidade de utilização para torneios de Pares em encontros de mais de 16 mãos/por encontro. Todas estas diferentes leituras dos resultados podem ser convertidas para PVs. Voltaremos mais tarde a esta questão por constituir, muito provavelmente, uma das mais importantes.

O programa que permite o cálculo dos resultados de um torneio de Pares em Round-Robin, dispõe das mesmas potencialidades de cálculo anunciadas, excepto na conversão em PVs, supondo-se que esse cálculo não fará muito sentido para o autor dos programas, tendo em conta os padrões a que obedece na construção dos programas, basicamente os Regulamentos emanados pela EBU.

(1)Jeff Smith , Bridge Scoring Programs,UK

## ARBL Regional de Pares Por IMPs 2016

Ranks	#Par		A												B	C	D	
			XIMPs	M1	M2	M3	M4	M5	M6	M7	M8	M9	M10	M11	M12	Butler/IMPs/VPs	XIMPs/Comp/VPs	XIMPs/sq(r/2)
1	5	Jorge Castanheira & Paulo Dias	1140,2	122	-244	47,2	3	105	179	47	80	182	216	188	215	1	1	1
2	17	José Pinheiro & Pedro Durão	748,8	34	-9	15,8	1	202	-265	62	310	209	74	-188	303	2	2	2
3	7	Paula Lima & João Paulo Rocha Pinto	665,8	-39	134	-43,2	-1	40	-22	86	105	-51	257	415	-215	5	4	4
4	3	Jorge Cruzeiro & Jorge M. Santos	584,2	4	271	-219,8	-148	-105	-7	280	-105	346	12	140	116	4	6	7
5	1	Sofia Pessoa & João Paes de Carvalho	580,8	74	244	-87,2	7	105	74	183	-272	223	-74	220	-116	6	3	3
6	9	Nuno Matos & João Fanha	426,8	137	170	219,8	103	-111	-74	70	-11	-111	-257	214	77	3	5	4
7	13	Anabela Oliveira & Alexandra Rosado	368,8	-56	119	105,8	111	-120	265	331	272	111	-216	-415	-139	8	7	6
8	10	Matilde Vala & Vitor Lopes	276,8	-137	-495	294,8	381	-40	111	30	-310	302	141	-140	139	7	8	8
9	15	José Belmar & João Morais	271,2	-49	-134	77,2	108	-202	7	-56	182	196	-48	267	-77	10	9	10
10	14	Olli Puurttinen & Aberto Nobre	255,2	56	252	87,2	-222	137	225	-70	-80	-209	-141	267	-47	12	11	11
11	16	Buna Vicente & Inês Cunha	163,8	49	-252	172,8	206	490	-139	-183	11	-182	92	28	-129	13	13	13
12	4	José Egreja & Paulo Braula Reis	76,8	4	211	56,8	222	111	139	-331	-96	-223	161	-267	97	9	10	9
13	12	Alexandre Baptista & Cassilda Baptista	-130,8	-201	-35	-123,8	-381	202	-207	228	-55	-15	451	-41	47	14	15	16
14	6	Inocência Araujo & Rafael Sacramento	-137,2	-122	-119	123,8	-108	107	147	-86	-59	-162	70	252	-181	16	14	14
15	11	Teresa Kay & António Lopes	-157,2	201	150	-145,2	-7	-490	38	56	85	-346	-121	171	251	11	12	12
16	19	Pedro Fonseca Matos & Paulo Cruz	-183,8	-181	495	145,2	-103	120	-225	-47	96	51	-12	-220	-303	15	17	18
17	2	Carlos Corte-Real & Jorge Petrucci	-237,8	-74	98	43,2	-111	53	-179	-62	56	15	48	-28	-97	17	16	15
18	24	Sofia Alves & Nuno Santos	-263,8	270	-150	-56,8	148	-105	22	-30	59	-196	-92	41	-174	18	18	19
19	20	José N. Moraes & Francisco P Coutinho	-317,8	181	-170	-15,8	-206	-107	207	45	-85	-35	-53	-253	174	20	20	20
20	21	Fernando F. Santos & F. P. Gonçalves	-406,8	23	-271	-294,8	40	-202	300	-16	-56	35	121	-267	181	19	19	17
21	8	Luis A. Rodrigues & Victor Ferreira	-543,8	39	9	-105,8	-3	-53	-147	16	55	24	-161	-214	-3	22	22	22
22	23	Fernando Pombo & Luis Correia	-586,8	-270	35	-172,8	-40	148	-38	-280	147	-302	-70	253	3	21	21	21
23	22	Cristina F. Santos & Céu Branquinho	-696,2	-23	-211	-77,2	386	-137	-111	-45	-147	162	-451	-171	129	23	23	23
24	18	Maria Lourdes Centeno & Ema Coelho	-1897,2	-34	-98	-47,2	-386	-148	-300	-228	-182	-24	53	-252	-251	24	24	24

### Quadro I

**Formato e Fórmula de Cálculo dos Resultados.** Nos últimos anos, o Campeonato Regional de Pares por IMPs tem sido disputado em Suíço, já que o número de 4 sessões disponíveis em calendário aconselha fortemente este formato, tendo em conta o número de pares inscritos ( 25 em 2015 e 24 em 2016 ).

Quer em 2015, quer em 2016 houve alguns praticantes ( não chegaram a 5 em 2015 e 2 em 2016 ) que contestaram, não o formato mas sim o facto de a fórmula de cálculo não dever ser em IMPs cruzados sem conversão em PVs mas sim Butler IMPs com conversão em PVs. O argumento principal dos defensores da fórmula de Butler IMPs com conversão em PVs tem a ver com o alegado desequilíbrio dos pares participantes, o que, na sua perspectiva e opinião não é eliminado pela fórmula adoptada no Regulamento. Defendem igualmente esses praticantes que a fórmula de Butler IMPs convertidos em PVs traduz uma maior verdade desportiva.

É caso para demonstrar, já que uma mera afirmação pode arriscar a ser apenas isso – uma mera afirmação. Nada melhor do que “pegar” no quadro dos resultados resultantes do Swiss Pairs do programa atrás mencionado e obter, a partir dos mesmos resultados originais em IMPs cruzados, as outras classificações possíveis convertidas em PVs. A comparação de classificações obtidas segundo as diferentes hipóteses que se resumem a três: IMPs cruzados/ Comparações,

Butler Imps e IMPs Cruzados /  $SQR(rc/2)$ , todas convertidas em PVs permitem uma análise mais concreta do que, na verdade, está em causa.

Comecemos pelo alegado desequilíbrio entre os pares praticantes. Esse argumento parece algo exagerado, tendo em atenção que estiveram em prova, de um total de 48 praticantes, 29 de 1<sup>as</sup> categorias, 18 de 2<sup>as</sup> e um de 3<sup>as</sup>. Na verdade, este praticante é administrativamente de 3<sup>as</sup> mas desportivamente é de 1<sup>as</sup>. Trata-se de Olli Puurtinen. Também se olharmos os pares constituídos, 12 eram de 1<sup>as</sup>, 4 eram de 1<sup>as</sup>/2<sup>as</sup>, 7 de 2<sup>as</sup> e 1 de 1<sup>as</sup> /3<sup>as</sup> em que o de 3<sup>as</sup> era o já mencionado Olli Puurtinen. Dificilmente se pode aceitar a teoria do desequilíbrio.

As classificações em XIMPs/Comparações e XIMPs/ $SQR(rc/2)$  não alteram a classificação que resultou em XIMPs totais. Já o mesmo não se pode dizer da classificação em Butler IMPs em que há trocas de alguns pares entre si mas ainda sem grande significado. É todavia na conversão em PVs que se dão as alterações mais significativas. Vejamos quais os pares que beneficiam dessa conversão e quais os que são prejudicados.

A observação do Quadro I atrás apresentado, permite verificar que nas três fórmulas de cálculo B – Butler IMPs > PVs, C – XIMPs/Comparisons > PVs e D – XIMPs /  $SQR(rc/2)$  > PVs existe alguma constância nas classificações. Por ex. : Os pares 1 e 2, 23 e 24 são fixos em qualquer das hipóteses A, B, C e D. Do 3<sup>o</sup> ao 8<sup>o</sup> dão-se algumas trocas dos pares entre si mas o grupo é coeso, embora com um par, o número 9 a passar de 6<sup>o</sup> para 3<sup>o</sup> na hipótese B ( Butler IMPs < PVs ). Em contrapartida, o par nº 7 passa de 3<sup>o</sup> para 5<sup>o</sup> na mesma hipótese. O encontro entre estes dois pares resultou numa vitória do par 7 por 257 IMPs.

Nas restantes posições dão-se algumas trocas, embora pouco significativas, traduzindo a ideia já sugerida de algum equilíbrio de resultados. Os pares que mais ganham são o 11 ( 4 ou 3 lugares ) e o 4 ( 3 e 2 lugares ). Os pares que mais perdem são o par 16 ( 2 lugares ) e o par 12 ( 1, 2 e 3 lugares). Tudo parece indicar no sentido, não de um força de equilíbrio e ajuste pela conversão em PVs mas de um espécie de prémio pelos riscos assumidos por alguns pares. É caso para análises mais aprofundadas.

Convenhamos, no entanto, que, a par da eventual verificação de uma ilusória correcção de desequilíbrios por via de uma fórmula que teve a sua época e história, devemos ir observando o que se passa no resto do mundo, e criar, sem pretensões exageradas para o pequeno universo a que pertencemos , o nosso próprio modelo.

**Referências.** O debate em torno da questão Butler IMPs vs CrossIMPs não é de hoje nem de ontem e irá continuar a estimular a discussão entre os defensores de uma ou outra fórmula de cálculo. Desde a “invenção” por Geoffrey Butler, cerca de 55 anos atrás e a sua promoção pela British Bridge League, que esta fórmula de cálculo veio a ser utilizada nos torneios de Pares por IMPs, incluindo o sempre mencionado Sunday Times de boa memória. A sua principal vantagem

residia e reside ainda hoje, na sua facilidade de cálculo.

Quem não a deve ter especialmente apreciado terá sido o par Hamman-Wolff que jogaram contra o par Leufkens-Westra num torneio em Scheveningen, em 1994. O protesto de uma mão deu-lhes “direito” a mais um IMP no resultado e, em “contrapartida”, a descida na classificação, com a consequente perda de um prémio monetário de 2 mil florins. O que aconteceu foi apenas que a correcção justa e desportivamente obtida provocou a alteração do “datum”, o qual veio a beneficiar o par adversário e não o par queixoso.

Coisas que ninguém pode prever. Será que este episódio serve para pôr em causa um sistema? Certamente que não. Mas faz-nos pensar, naturalmente, nos conceitos que, constante e, às vezes, levemente invocamos, tais como justiça e verdade desportiva.

As evoluções seguidas por algumas Federações têm vindo ao encontro de um olhar mais crítico sobre algumas dessas verdades que começam a ser postas em causa. Vem a este propósito verificar que os próprios ingleses, através da EBU estabeleceram em 2012 aquilo que pode ser considerado um pequeno golpe no sistema do Butler IMPs que eles criaram e apoiaram em tempos.

Num documento intitulado “ **Methods of Scoring**”(2) estabelecem a certo ponto:

*Methods of Scoring Approved but not Recommended by the EBU*

- “Add up & IMP”: teams of 8 scoring where all four table results are added together and the result converted to IMPs using the standard IMP conversion table. (Either cross-imps or a modified IMP table is preferable).
- Butler IMPs: a form of scoring for Pairs events where each result is IMPed against the average result for all tables, sometimes with one or more extreme results removed. (Cross imps is preferable).
- VP Scales for matches of four boards or fewer (total IMPs is preferable).
- Win-Loss scoring (a form of VPs where a win is scored as 1, a loss as 0 and a tie as ½) “ \*\*

## (2)Laws and Ethics Committee – September 19th 2012

Por outro lado, o White Book ( equivalente inglês do RTP )estabelece no seu ponto 3.1.3

*“Cross-IMP scoring for pairs events No VP scales are available. A suggested method is to calculate the total cross IMPs, then divide by 70% of the number of scores, and then use the standard teams-of-four scale in §3.1.1: e.g. for 20 tables and an 8-board match, calculate the total cross IMPs, divide by 14 (70% of the number of scores) and then use the standard 8-board VP scale.*

*The above recommendation is only an approximation. Further advice can be obtained from EBU Headquarters: see §0.4 for contact details.*

*See §4.2.5.3 for details of rounding in cross-IMP scored events. “*

É oportuno esclarecer a propósito desta ausência de escala, que a fórmula atrás apresentada de “ XIMPs/ SQR( rc/2 ) e que faz parte das diferentes formas de cálculo dos Programas de Pares do Jeff Smith é, sem tirar nem por, a fórmula que faz equivaler um torneio de Pares Por IMPs num torneio de Equipas. A conversão que, muito correntemente, se faz de XIMPs/Comparisons em PVs usando directamente a Tabela de PVs, não pode, de forma alguma, ser considerada correcta.

Diga-se em abono da verdade que a classificação Butler tem o seu lugar garantido e altamente apreciado por grande número de praticantes nos Torneios de Equipas, por permitir avaliar os desempenhos dos pares em cada sessão. Essa classificação não retira os resultados extremos, ao contrário do que alguns possam supor.

Refira-se também, a propósito, que o icónico Cavendish criado em Maio de 1975, é desde essa data calculado em XIMPs totais e não em PVs.

**Conclusão.** Apesar da análise feita não ter a profundidade que se pretende e se carecer de outros exemplos, parece ser de enunciar algumas conclusões:

1. Em primeiro lugar o programa de cálculo. Pese embora o facto de o Magic Contest ser um bom programa, neste particular dos torneios em Suíço carece de uma certa actualização no seu desenho. Tendo a FPB e ARBL investido já bastante na obtenção de licenças, dever-se-ia interceder junto do seu autor para uma melhoria na estrutura do Suíço Pares.

2. Em segundo lugar a estrutura de cálculo. A FPB e a ARBL escolheram para os Torneios de Pares por IMPs o cálculo em IMPs cruzados. Existe a possibilidade de obter uma classificação que faz equivaler um torneio de Pares por IMPs num Torneio de Equipas de forma automática, com ou sem conversão em PVs. É uma opção a tomar e à disposição das duas entidades.

3. Em terceiro lugar, a polémica entre Butler IMPs vs IMPs Cruzados para adopção como fórmula de cálculo em Torneios de Pares Por IMPs não parece ter razão de ser, face ao caminho que outros países têm adoptado. Mas deverá ser decidido pela entidade que superintende e regula no Bridge Nacional.

Haveria muito mais a dizer sobre esta polémica, mas os pontos mais importantes foram tocados. Mais do que defender um modelo que se pretende que seja o melhor para todos os que querem extrair do jogo um prazer permanente e da competição um ambiente saudavelmente desportivo, foram trazidos para discussão algumas questões a que muitos podem não ter tido acesso pelas mais variadas razões. Todos nós temos de nos curvar muitas vezes perante uma quantidade enorme de informação que sustenta os mais variados sistemas e que flui com grande velocidade. Temos de admitir que, por via dessas características, a verdade tem facetas inesperadas que nos tolgem de surpresa, de vez em quando. Se, de alguma forma, o que foi abordado, constituiu um contributo para que alguém tenha ficado um pouco mais esclarecido, e possa aceitar que há um outro lado da Lua, a recompensa já é bastante.

Lisboa, 23 de Agosto de 2016

Casimiro M.P.Talhinhas

